

1º Relato Crítico – CBD0282

O curso “Formas, Estados e Processos da Cultura na Atualidade” iniciou com uma reflexão sobre o sentido da modernidade, a partir do diálogo entre textos e filmes selecionados. O que caracteriza a modernidade? Onde estão suas origens? Em que sentido ela caminha? Qual pode ou deve ser a postura do homem frente a ela? Essas e outras perguntas surgem nas abordagens dos textos lidos e dos filmes a que assistimos.

Berman, na introdução ao livro “Tudo que é sólido desmancha no ar”, refere-se à modernidade como um conjunto de experiências compartilhadas pelos seres humanos hoje. O que permite que nós relacionemos essas experiências em torno de uma mesma ideia - modernidade? A bem da verdade, não é nem mesmo possível falar da modernidade em um sentido único, em razão da pluralidade de formas, frequentemente contraditórias, que ela assume. O estudo da(s) modernidade(s) impede que a(s) enxerguemos como algo isolado, exigindo que busquemos os processos que levaram à sua formação.

Um desses processos, sem dúvida, é a urbanização, o movimento de milhões de pessoas do campo para a cidade, decorrendo disso uma radical mudança de mentalidade. A transição é citada, por exemplo, por Berman, quando evoca *A nova Heloísa*, de Rousseau, na qual o personagem descreve suas impressões da metrópole. Chama atenção aqui o destaque dado ao desenrolar contraditório da vida urbana. De fato, a cidade acentua muitos paradoxos, característica marcante da modernidade. Ali, o perto pode ser longe, como quando os dois protagonistas de *Medianeras*, convivendo a centenas de metros de distância, parecem irremediavelmente distantes; ou, em *Playtime*, quando reparamos na diversidade de idiomas (alemão, francês, inglês, entre outros) falados ao longo do filme. A intimidade, por um lado, está crescentemente exposta, como em *O Homem ao Lado*, quando Victor, na busca de um pouco de sol, abre a janela voltada para seu vizinho. Do mesmo modo, em *Playtime*, o cenário é marcado pela transparência: são os vidros e portas-janela dos prédios modernos; as janelas imensas das casas, que nos

permitem ver o que as famílias fazem nas horas de repouso; os biombos dos escritórios, que permitem enxergar os funcionários do andar de cima. Por outro lado, a intimidade se dissolve no anonimato próprio da cidade. O vizinho, apesar da proximidade e da intimidade muitas vezes visível, é um ente abstrato, que somente se transmuta em indivíduo por algum motivo excepcional, como a janela aberta sem autorização.

Um segundo processo essencial na modernidade é o progresso. A evolução da ciência e das tecnologias ora serve a um discurso otimista de progresso, que se reflete nas artes em escolas como o futurismo; ora representa a prisão do homem moderno. A tecnologia, assim como a cidade, foi tema presente nos filmes a que assistimos, em especial em *Playtime*, *Ela* e *Blade Runner*. No primeiro, a máquina apresenta-se já no começo: o filme se inicia com uma longa sequência que se passa no aeroporto, que nos remete especialmente à conquista do homem do espaço aéreo, exclusividade do homem contemporâneo. A tecnologia que nos permite voar, sonho de séculos passados, é contrastada ironicamente com a futilidade das invenções que *Monsieur Hurlot* encontra na feira de produtos que visita por acaso. Na cena final, as máquinas assumem o lugar dos brinquedos, em uma cidade subitamente convertida em um parque de diversões. Em *Ela*, evidenciam-se vários dos conflitos e das contradições próprios da modernidade. Em primeiro lugar, há a relação entre obra e criador, ou ainda, a superação do homem pela máquina. Em segundo lugar, há a contradição entre a crescente personalização da tecnologia e simultânea homogeneização: a relação extremamente pessoal, única, personalizada entre o usuário e seu sistema operacional (que acaba por se tornar amor) ofusca a existência simultânea de milhares de relações idênticas. A descoberta dramática por parte do protagonista de que seu caso amoroso não era exclusivo, mas sim um fenômeno experimentado simultaneamente por milhares mostra com extrema agudez esse paradoxo: como algo tão único pode ser tão banal? No fundo, trata-se do mesmo paradoxo que permeia seu trabalho (escrever cartas pessoais): massificar um produto personalizado. Por fim, em *Blade Runner*, máquina e homem se confundem a tal ponto que passamos a nos questionar o que nos faz humanos.

A riqueza desses dois processos, aos quais se podem somar muitos outros, demonstra a complexidade da experiência da modernidade, experiência essa que já se tornou absolutamente hegemônica. Ao contrário da primeira fase, nos séculos XVI a XVIII, quando o fenômeno ainda era precipuamente localizado e relativamente marginal, e da segunda (Séculos XVIII e XIX), na qual a modernidade convivia ainda com elementos fortes de uma cultura e sociedade pré-moderna, num embate constante, o século XX e XXI são marcados pela universalização da experiência moderna, a ponto de nos esquecermos dela. “Tudo é absurdo, mas nada é chocante, pois todos se acostumam a tudo”, cita Berman em referência a Saint-Preux. Acostumamos, por exemplo, aos sistemas operacionais, sem pensar no que eles significam em sua dimensão supraindividual. Creio que, nos próximos encontros, teremos oportunidades de discutir alguns desses temas, de modo a nos desacostumar um pouco, e refletir sobre as peculiaridades da experiência moderna.